

CULTURA

VOZES

EDUCAÇÃO POPULAR

Democracia é participação

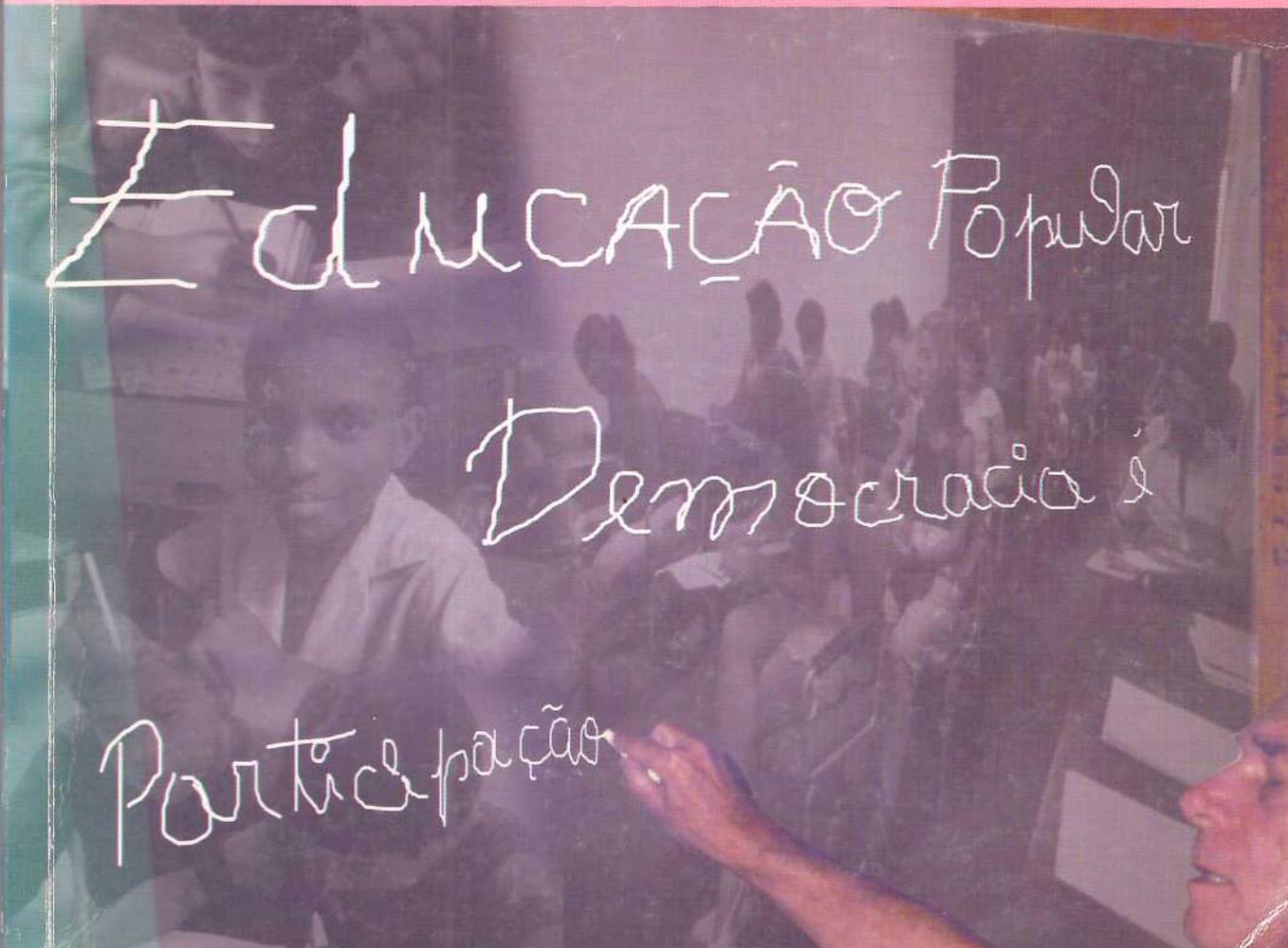
Nº 5 - ANO 96

VOLUME 96 2002

ISSN 0104-222X

R\$ 10,00

- Mediadores, saúde e religião em Educação Popular
- Rajadas de vida: entrevista com *Hugo Chávez*
- Tendências do pensamento educacional brasileiro
- Aprendizagem e competências
- A educação e o novo contrato social
- América: terra de utopia?, por *Gérard Bouchard*



Educação Popular
Democracia é
Participação

Título em foco

Mediadores, saúde e religião em Educação Popular

Victor Vincent Valla

Há uma dificuldade da parte de muitos políticos e profissionais em aceitar que as pessoas “humildes, pobres, moradores da periferia” sejam capazes de organizar e sistematizar pensamentos sobre a sociedade em que vivem. Na realidade, essa discussão – que certamente não é nova no campo da educação popular – trata das nossas dificuldades em interpretar as classes populares e revela que há uma crise de interpretação que é nossa¹, assim como também é nosso o enfoque da idéia de “iniciativa”. Muitos de nós trabalhamos com a perspectiva de que a iniciativa é parte da nossa tradição e que as classes populares falham neste aspecto, fazendo com que sejam vistas como passivas e apáticas. Trata-se de descobrir a ponte que permite chegar a construção “desigual” ou “compartilhada” do conhecimento (profissionais, técnicos, políticos, religiosos e as classes populares). “Desigual” significando as histórias de vida e as condições materiais de existência de cada participante.

Um dos eixos desse questionamento é o do repasse de informações às classes populares, o que sempre foi proposta central da educação popular. Os mediadores possuem um acúmulo de conhecimentos resultante da pesquisa científica, divulgados na universidade; as classes populares possuem um acúmulo de conhecimentos, resultante das experiências de vida, escolarização e luta políticas.

Há apenas transmissor e receptor em mão-única ou a mão é dupla? Trata-se de conhecer a realidade das classes populares para poder facilitar a transmissão, ou é mais do que isso? A questão é de facilitar, simplificar a mensagem, ou é a de permitir a construção de um outro conhecimento, resultado de uma relação compartilhada, mas desigual das duas partes?

A resposta parece ser: que é necessário completar uma equação capenga que, freqüentemente, inclui apenas uma das partes do conhecimento, a do mediador, que sabe, como diz Nunes², as respostas de antemão. Nunes ainda acha que para muitos militantes e profissionais torna-se ocioso perguntar-se sobre a gênese e o significado do conteúdo das reivindicações sociais, porque já sabemos, a priori, que elas são o resultado inesperado da dinâmica global da cidade capitalista e que expressam equipamentos necessários à reprodução da força de trabalho e, portanto, à reprodução do capital. Deste ponto de vista, quem sofre as necessidades não tem papel ativo de determiná-las como tal. Res-

postas a essas questões não podem sair de “conceitos sem vida”. Têm de ser pesquisadas e pensadas pelos mediadores.

há uma crise de compreensão dos mediadores e intelectuais com relação ao falar e fazer das classes populares. O eixo central deste texto é que essa crise inclui entre outras questões a da crescente relação das classes populares brasileiras com a religiosidade popular, e, em particular, com as igrejas pentecostais e neopentecostais. Está-se trabalhando com a idéia de que o crescimento destas igrejas está relacionado com a ausência governamental e das políticas públicas, e, em particular, as de saúde pública, porque propõe-se a premissa que há uma relação íntima entre saúde e religião. Ao contrário do pensamento generalizado de que o aumento da procura pelas classes populares para as igrejas relaciona-se com a ingenuidade dessas mesmas classes e um processo de manipulação e sedução, este texto propõe que cabe aos mediadores buscarem compreender por que as classes populares, i.e., os pobres insistem neste caminho, percebendo benefícios e renovação de suas energias.

Está-se trabalhando com a premissa que há uma crise de compreensão dos mediadores e intelectuais com relação ao falar e fazer das classes populares. O eixo central deste texto é que essa crise inclui entre outras questões a da crescente relação das classes populares brasileiras com a religiosidade popular, e, em particular, com as igrejas pentecostais e neopentecostais. Está-se trabalhando com a idéia de que o crescimento destas igrejas está relacionado com a ausência governamental e das políticas públicas, e, em particular, as de saúde pública, porque propõe-se a premissa que há uma relação íntima entre saúde e religião. Ao contrário do pensamento generalizado de que o aumento da procura pelas classes populares para as igrejas relaciona-se com a ingenuidade dessas mesmas classes e é um processo de manipulação e sedução, este texto propõe que cabe aos mediadores buscarem compreender por que as classes populares, i.e., os pobres insistem neste caminho, percebendo benefícios e renovação de suas energias.

Neste sentido trata-se de uma discussão de que a educação popular não é necessariamente um processo que tem como seu destino as classes populares, mas trata-se de um processo que se relaciona com os mediadores que normalmente são oriundos da classe média, com formação de segundo grau ou universitária e, por essas razões, freqüentemente sentem-se com o

direito de indicar o caminho para as classes populares através dos seus conhecimentos – uma repetição da teoria da vanguarda e das massas do século XIX.

Talvez uma das coisas mais difíceis para os profissionais/mediadores compreenderem com relação aos contatos que desenvolvem com as classes subalternas é que a cultura popular é, na realidade, e de acordo com Martins³, uma teoria imediata, isto é, um conhecimento acumulado e sistematizado que interpreta e explica a realidade. Neste sentido, mesmo que alguns mediadores sejam mais atenciosos e mais respeitosos com os pobres da periferia, o papel de “tutor” ainda predomina nas suas relações com estes grupos. Prestar atenção ao que os pobres estão dizendo não é apenas uma questão de “educação”.

Se, de um lado, o debate sobre a existência ou não de Deus não parece mais um obstáculo na discussão política com essas classes, por outro, a inclusão da questão religiosa incorpora, com poucas exceções, apenas a proposta da Teologia da Libertação defendida pelas alas progressistas da Igreja Católica. Quando as propostas de outras religiões, tais como as pentecostais ou evangélicas, são abordadas, é freqüente que seja por um prisma de categorias como as de “manipulação” e “alienação”.

A compreensão do que está sendo dito também decorre da capacidade de entender quem está falando. Com isso, quer se dizer que dentro das classes populares há uma diversidade de grupos. É necessário que o esforço de compreender as condições e experiências de vida como também a ação política da população seja acompanhado por uma maior clareza das suas representações e visões de mundo. Caso contrário, corre-se o risco de procurar (e não achar) uma suposta identidade, consciência de classe e organização que, na realidade, é uma fantasia de muitos mediadores.

Não é o nosso desejo nem o nosso incentivo verbal que garante a suposta unidade das classes populares, mas, sim, a avaliação correta da maneira com que compreendem o mundo. A prática de cada classe subalterna e de cada grupo subalterno desvenda apenas um aspecto essencial do processo do capital. Há coisas que um camponês, que está sendo expropriado, pode ver, e que um operário não vê. E vice-versa. É necessário desfazer a impressão de que o processo histórico anda mais rápido para o operário do que para o trabalhador rural ou morador de favela desempregado.

É possível que um dos grandes problemas para os profissionais, pesquisadores e militantes seja a forma com que as classes populares encaram uma existência cercada de pobreza e sofrimento. É bem provável que estes setores da população tenham uma enorme lucidez sobre sua situação social. Mas clareza da sua situação social pode significar também clareza de que uma melhoria significativa seja apenas uma ilusão. A frase tão conhecida dos Titãs pode estar indicando, no entanto, um outro enfoque: “A gente não quer só comer. A gente quer prazer para aliviar a dor”. Neste sentido, a construção de aparências, que pode ser entendida como a construção de sonhos, não deve ser vista como uma forma apenas de “escapar da realidade”, mas pode estar indicando uma concepção mais ampla de vida.

“Prazer para aliviar a dor” pode, então, tomar vários sentidos para a população, distintos dos sentidos que têm para a classe média. Certamente, um dos sentidos é o de que vale

a pena viver, mesmo quando não se pode vislumbrar uma saída no futuro para o sofrimento e a pobreza que se atura diariamente. Se, de um lado, este enfoque pode ajudar a compreender por que é possível “passar fome para comprar uma TV... o êxtase com o futebol... com o alcoolismoos jogos de azar”, de outro lado, também ajuda a entender por que “as religiões se oferecem muitas vezes como perspectivas substitutivas”⁴.

A cultura popular, para poder se afirmar neste mundo do vencedor, utiliza a duplicidade, o duplo código, “...o afirmar e o negar, o obedecer e o desobedecer”⁵, o ajustamento aos valores dominantes e a sua rejeição; interpretações lúcidas combinam-se com ilusões aparentemente alienadas; “...um inconformismo profundo... sob a capa do fatalismo”⁶. Um estilo de vida que “se manifesta na linguagem metafórica, na teatralização que põe na boca do outro o que é palavra do sujeito emudecido”⁷.

Finalmente, a idéia da cultura popular como memória da alternativa⁸ deveria ser pensada no contexto da dificuldade que uma grande parcela das classes subalternas têm de poder agir somente dentro de um quadro previamente delimitado; tem sentido então que a mudança só possa ser pensada em termos de milagre, ou seja, de que contém a possibilidade de uma outra realidade no interior do existente⁹. Isto porque o milagre, pedra de toque das religiões populares e de estonteante simplicidade para a alma religiosa, é inaceitável pelas teologias e apenas de fato por elas tolerado, pois rompe a ordem predeterminedada do mundo por um esforço da imaginação¹⁰.

A crise do Estado provedor, provocada pelo processo de globalização, afeta de uma maneira dramática a relação das classes populares com os serviços de saúde no Brasil. O surgimento de um mundo neoliberal, concentrador de renda e excludente necessariamente aponta para a construção de um outro mundo, onde a sobrevivência será intimamente relacionada com a solidariedade.

Cresce o número de homens que não têm acesso a um emprego. Se até hoje ouvimos os pobres dizendo que dificilmente a situação mudaria durante sua vida, atualmente cresce o número de intelectuais e pesquisadores que começam a concordar com esta perspectiva. Hoje essa situação tem um nome: miséria radical. E não há evidências de que isso se modificará, principalmente num país onde o governo federal utiliza 65% do Produto Interno Bruto para pagar a dívida externa.

A saúde pública e a conjuntura atual

À luz da discussão acima apresentada, podemos tentar pensar o quadro da saúde pública do país e as condições de saúde das classes populares. Certamente a vasta rede de saúde pública – centros municipais de saúde e hospitais públicos – é de uma importância fundamental para as condições de vida das classes populares. A demanda, no entanto, é tão grande que questões como o acesso aos serviços e a resolubilidade das queixas fazem com que as consultas tenham uma duração de aproximadamente cinco minutos. E, por essa razão, os profissionais têm condições limitadas de atender um problema que

vem sendo levado pelas classes populares aos serviços de saúde. Trata-se de uma queixa conhecida pelo nome de “sofrimento difuso”. Alguns profissionais comentam que, de cada 10 pacientes, 6 trazem a queixa do sofrimento difuso. Uma queixa sobre dores de cabeça, dores em outros locais do corpo, medo, ansiedade – sintomas para os quais o sistema de saúde não dispõe nem de tempo, nem de recursos para tratar. O resultado é a medicalização do problema.

Na Argentina, a Dra. Sylvia Bermann constatou que mais de 50% dos medicamentos indicados são psicofármacos, e alguns especialistas calculam que a porcentagem é ainda mais alta no Brasil, para tratar o que as classes altas e médias chamam de ansiedade ou estresse, e as classes populares de “nervos”. Há, então, determinados limites do alcance do sistema de saúde pública, fazendo com que a população vá buscando saídas para as suas queixas. É como diz a professora Madel Luz: “Ninguém, na realidade, está satisfeito com os serviços de saúde – sejam públicos ou privados – mas acontece que as classes altas e médias têm mais acesso a recursos para lidar com suas queixas”.

Apoio social: uma proposta alternativa no interior da saúde pública

Nos Estados Unidos e nos países da Europa problemas semelhantes vêm existindo por alguns anos. Alguns profissionais norte-americanos, preocupados com as queixas da população sobre sua insatisfação com os serviços públicos de saúde naquele país, vêm desenvolvendo experiências e investigações sobre outras concepções da relação entre saúde e doença, pois o atual modelo biomédico, hegemônico nos Estados Unidos e no Brasil, tem sua origem na descoberta de como lidar e superar as doenças que surgiram a partir de infecções. E, como todos sabem, com muito sucesso. O problema, como Ivan Illich constatou anos atrás, é que a medicalização da infecção acabou sendo o caminho apontado para muitas queixas, produzindo o que alguns chamam hoje a “medicalização da sociedade”, sem necessariamente resolver problemas como o do sofrimento difuso.

Daniel Coleman afirma que, segundo a tradição budista tibetana, a doença surge a partir de um desequilíbrio no corpo psicofísico produzido por emoções conflitantes como a raiva ou a ganância. O raciocínio desenvolvido é que uma relação desequilibrada entre os homens e o meio ambiente seria o responsável pelo surgimento da doença. Mais do que uma entrada no corpo humano de uma bactéria ou um vírus, o início de uma doença estaria relacionado com uma reação emocional do homem, hoje causada freqüentemente pelo que se chama de estresse. Sylvia Bermann nos aconselha, no entanto, a não deixar a palavra estresse escamotear questões importantes, especialmente com relação às classes populares. Há o perigo de transformar a palavra “estresse” num termo genérico, supondo que todos sofrem do estresse da mesma forma. Há uma diferença grande entre uma pessoa rica perder muito dinheiro na bolsa de valores *versus* um pobre tentar dormir sabendo que provavelmente haverá um tiroteio entre narcotraficantes e polícia perto do seu barraco na favela. Trabalhar 10 a 12 horas por dia, num ambiente

insalubre, sem carteira assinada e sem proteção social de um plano de saúde e garantia de que o trabalho executado vai continuar amanhã é um processo de estresse que mais provavelmente vai terminar numa doença. Um processo de estresse contínuo tende a se concentrar num dos órgãos do corpo, e, na medida que o estresse se manifesta, castigar esse órgão. Pois, segundo McEwen¹¹, o estresse é causado por um estilo de vida em que as pessoas estão sistematicamente expostas às agressões de ordem física e psíquica.

O "susto contínuo", comum às classes populares que vivem em condições de pobreza e violência, faz com que grandes quantidades de adrenalina sejam lançadas no corpo, quando, na realidade, essa adrenalina existiria para momentos especiais de emergência de um indivíduo. As filosofias orientais nos ajudam quando afirmam que há uma relação dos órgãos com sentimentos, que determinadas doenças se relacionam com determinados sentimentos: por exemplo, fígado com a raiva, o pulmão com tristeza e o rim como medo. Os investigadores responsáveis pela elaboração da teoria do apoio social trabalham com a premissa de que se a origem da doença está relacionada com a questão das emoções, sua resolução também está relacionada com as emoções, dessa forma indicando que essa teoria inclui a idéia antiga da unidade corpo-mente. A proposta central do apoio social é que quando as pessoas sentem que contam com apoio de um grupo de pessoas (associação, vizinhança, igreja, por exemplo), esse apoio tem o efeito de causar uma melhoria da saúde das pessoas envolvidas. Esse apoio normalmente se passaria entre pessoas que se conhecem e de uma forma sistemática, razão pela qual freqüentemente esteja envolvida uma instituição ou entidade.

A teoria do apoio social deu, no início, muita atenção à vida dos idosos nos Estados Unidos. Uma pessoa da terceira idade com condições satisfatórias de saúde passaria a provavelmente contrair uma doença a partir de determinados baques emocionais, como por exemplo a perda do(a) companheiro(a), a descoberta da incapacidade de trabalhar, ou a perda de uma residência onde havia se morado por décadas. Os idosos inseridos em redes de apoio social tinham menos chances de adoecer a partir desses eventos de vida por contar com um apoio emocional contínuo. Uma das premissas que se levanta no Brasil é que, se isso ocorre com idosos num país desenvolvido, seria também comum a grandes parcelas das classes populares num continente como a América Latina e num país como o Brasil: a perda de entes queridos por violência ou pelo trânsito (o que a saúde pública chama de morte por causas externas), os crescentes índices de desemprego e/ou trabalho com remuneração vil e a conseqüente situação de não contar com residência própria e tampouco fixa.

Embora não se pretenda negar os processos de estresse que ocorrem aos membros das classes média e alta, ao mesmo tempo se quer chamar atenção para o fato de que as classes populares nas grandes cidades tendem a sofrer um processo de estresse muito mais intenso. A vereadora Jurema Batista, do Rio de Janeiro, pergunta se há remédio para pressão arterial alta quando o helicóptero da Polícia Militar sobrevoa a favela procurando componentes do narcotráfico.

O estresse é causado pelo que os profissionais chamam de superexcitação do organismo. McEwen chama o conjunto de indicadores do estresse de carga alostática. O que importa nessa discussão é que uma grande parcela das classes populares estão expostas ao que é chamado por Valla e Stotz de “um estado de emergência permanente”¹². A grande imprensa tende a definir o termo “emergência” como um acontecimento passageiro – um apagão ou uma enchente, por exemplo. Uma vez que a água deixe de cobrir os automóveis, ou que a luz elétrica volte, para a grande imprensa terminou a emergência. Mas as condições de vida para muitos moradores de favela indicam esse estado de emergência permanente: distribuição irregular de água, difícil acesso às unidades de saúde, exposição permanente a balas “perdidas” ou ganhar a sobrevivência através do mercado informal em processo de saturação.

McEwen lembra que o estresse tem causas sociais complexas, que não podem ser resolvidas pela medicina, como a pobreza, más condições de trabalho ou o ambiente poluído. Pesquisas mostram que quanto mais pobre uma pessoa, pior é sua saúde, não importando se ela tem ou não acesso a tratamento médico. Como ser menos competitivo e ansioso, que é uma recomendação dos terapeutas como forma de reduzir o estresse, num mundo onde as ofertas do trabalho formal estão rapidamente declinando? Assumir uma postura desarmada, franca e aberta, que é outra recomendação de terapeutas das classes médias, se relaciona pouco com uma grande parcela das classes populares, que, como forma de sobrevivência, emprega uma linguagem permeada de “duplo código”, onde o “dizer e desdizer” na mesma frase é uma constante.

Numa recomendação genérica, alguns terapeutas chamam atenção para a importância do desabafo e do “não engolir sapos”, a fim de expulsar o veneno do corpo, evitando com que seja acumulado. Mas o que pode significar “não engolir sapos” ou desabafar para a maioria das classes populares? Desabafar na hora pode resultar em vários desfechos: pode significar perder o emprego, seja no trabalho da fábrica, seja como empregada doméstica. Numa cultura machista, desabafar na hora, ou seja, “não levar desaforo para casa”, pode terminar num enfrentamento violento com fim incerto.

O apoio social e a religiosidade popular

Há de se ter cuidado com a interpretação das ações das classes populares e sua relação com a religião, pois o que pode ser visto como tentativa de resolver exclusivamente

A grande imprensa tende a definir o termo “emergência” como um acontecimento passageiro – um apagão ou uma enchente, por exemplo. Uma vez que a água deixe de cobrir os automóveis, ou que a luz elétrica volte, para a grande imprensa terminou a emergência. Mas as condições de vida para muitos moradores de favela indicam esse estado de emergência permanente: distribuição irregular de água, difícil acesso às unidades de saúde, exposição permanente a balas “perdidas” ou ganhar a sobrevivência através do mercado informal em processo de saturação.

um problema material poderia bem ser o resultado da vontade de viver a vida da maneira mais plenamente possível. Poderia também ser o resultado da procura por uma explicação, um sentido, algo que faça a vida ser mais coerente, que é justamente uma das propostas do apoio social.

É nesse sentido que cabe considerar o extraordinário crescimento da presença das classes populares nas igrejas de todas as religiões, mas principalmente nas chamadas “evangélicas” ou “pentecostais”. Atrás dessa procura está também o próprio processo do crescimento da urbanização, juntamente com o conseqüente aumento das demandas dos bens coletivos e individuais e, ao mesmo tempo, a dilapidação dos direitos sociais e humanos. Machado¹³ observa que a falta de apoio institucional nesta época de mudanças sociais intensas faz com que essas igrejas ofereçam um “potencial racionalizador”, isto é, um sentido para a vida. Mariz¹⁴, por sua vez, comenta a frágil presença dos partidos políticos, associações e o próprio Estado de bem-estar entre os pobres e constata que as religiões oferecem alguns grupos de suportes alternativos e criam motivações para fazer frente à pobreza.

Certamente alguns líderes religiosos procuram utilizar suas igrejas como forma de se enriquecer ou de angariar votos para seus candidatos. No entanto, essa não é uma explicação satisfatória de por que tantos brasileiros estão procurando as igrejas, e, em particular, as evangélicas e pentecostais. Há de procurar outra explicação, que relativiza a participação dos líderes religiosos. Possivelmente poderia ser o que Finkler¹⁵ chama de “símbolos emocionalmente densos que sejam derivados da experiência coletiva daqueles que sofrem”. Finkler descreve os 500 centros espiritualistas e cinco milhões de fiéis no México a respeito do sucesso das curas espirituais com sofrimentos crônicos de uma forma que a biomedicina não é capaz de igualar. Atenuam a dor, quando não a eliminam, e ajudam as vítimas do sofrimento a tornar suas vidas mais toleráveis e significativas. Cabe perguntar, inclusive, dentro da perspectiva da proposta de apoio social, se as melhorias do estado de saúde desses fiéis não vêm mais do fato de “estarem juntos de uma forma sistemática no mesmo espaço físico” do que da ação isolada do líder religioso.

Corten¹⁶ afirma que o pentecostalismo se caracteriza pela importância dada à emoção, onde até a própria proposta teológica se subordina à “experiência emotiva partilhada” pelos crentes. Há uma reivindicação que haja uma “experiência emotiva” e esse desejo aponta para o encanto e a alegria demonstrados nos cultos, onde os crentes são vistos como pessoas simples, tanto é o júbilo e o entusiasmo. A grande contradição para muitos dos observadores da classe média é que os fiéis são pessoas que freqüentemente vivem na miséria, na doença e em ambientes repletos de violência e, no entanto, experimentam essa intensa alegria de estar viva. Corten conta que alguns pastores acreditam que as curas tratam de males que geralmente não são físicos e que se localizam na esfera psicossomática, onde a resolução não passa por medicamentos. Freqüentemente se trata de emoções de consolo em face de males que não podem ser mudados e, assim, a dignidade do ser humano é o que acaba se afirmando.

Outras religiões que demonstram uma discussão mais intelectualizada acabam encarando os cultos pentecostais como um misticismo arcaico. A idéia corrente na sociedade de que os pentecostais viram suas costas para o "mundo" significa, para eles, virar as costas para o demônio, que freqüentemente é um termo utilizado como uma metáfora para rejeitar as doenças, a pobreza e desigualdade, a violência, não significando necessariamente uma posição fatalista. Virar as costas para o mundo capitalista de competição e modernização para construir redes de solidariedade onde doam roupas e alimentação, acham empregos para os pentecostais mais necessitados e convidam regularmente os irmãos esmagados pela pobreza para jantarem em sua casa. Surgem cursos de alfabetização nas igrejas, onde os fiéis analfabetos sentem o desejo de ler os salmos que cantam. Löwy¹⁷ aponta que também é criado um ambiente de segurança no meio dessas atividades religiosas e assistenciais.

As muitas formas de combate ao estresse, no entanto, não devem ser ignoradas por quem se interessa pela questão da religião e das classes populares. Os resultados dessas novas terapias de relaxamento e meditação têm sido notáveis e reforçam a lógica interna de uma proposta como a do apoio social. Em dois dos seus livros Goleman¹⁸ oferece vários exemplos de como essas terapias produzem melhorias de saúde independente das condições de saúde dos pacientes. E a questão central das terapias é o trabalho desenvolvido com as emoções. Goleman afirma que, quando uma pessoa sofre muito estresse, a adrenalina é liberada. Ansiedade crônica, longos períodos de pessimismo, hostilidade e cinismo são estados de espírito tão graves quanto fumar muito ou registrar uma alta taxa de colesterol. Dores de cabeça, úlceras, artrite, asma e problemas de coração são algumas das doenças que podem surgir a partir destes estados de espírito negativos. Isolar-se socialmente, sem ter com quem conversar de uma forma íntima, pode representar um perigo para a saúde tão sério quanto obesidade, falta de exercício físico ou altas taxas de colesterol. Poder falar dos seus problemas financeiros como também da sua insegurança no emprego freqüentemente é mais importante para manter a saúde do que somente eliminar a pressão arterial alta.

Outras religiões que demonstram uma discussão mais intelectualizada acabam encarando os cultos pentecostais como um misticismo arcaico. A idéia corrente na sociedade de que os pentecostais viram suas costas para o "mundo" significa, para eles, virar as costas para o demônio, que freqüentemente é um termo utilizado como uma metáfora para rejeitar as doenças, a pobreza e desigualdade, a violência, não significando necessariamente uma posição fatalista. Virar as costas para o mundo capitalista de competição e modernização para construir redes de solidariedade onde doam roupas e alimentação, acham empregos para os pentecostais mais necessitados e convidam regularmente os irmãos esmagados pela pobreza para jantarem em sua casa. Surgem cursos de alfabetização nas igrejas, onde os fiéis analfabetos sentem o desejo de ler os salmos que cantam.

O intuito de discutir emoção com pentecostalismo e logo em seguida uma discussão sobre melhorias de saúde a partir de exemplos de apoio social e/ou terapias que procuram desenvolver uma paz de espírito, a auto-estima e uma visão otimista da vida é levantar a seguinte questão: é possível que as emoções que estão presentes nos cultos pentecostais gerem resultados semelhantes àqueles apresentados nos livros do Goleman?

Certamente há questões metodológicas a serem enfrentadas. Grosso modo, os cientistas que trabalham com a unidade mente-corpo são oriundos dos países centrais e investigam populações que têm um padrão de vida superior ao das classes populares do Brasil e em particular as classes populares que freqüentam os cultos pentecostais. Até o próprio Goleman, quando discute a proposta de que a busca de melhor lidar com sentimentos negativos é uma forma de prevenção contra doenças, faz apenas uma alusão genérica aos pobres. Comenta, de passagem, que os pobres, as mães-solteiras e os moradores de bairros com alto índice de crimes cujas condições de vida fazem com que vivam sob muita tensão, melhorariam de saúde se tivessem ajuda para lidar melhor com o custo emocional devido ao estresse. Um indicador de que suas atenções estão principalmente voltadas para populações com melhores condições de vida.

O que se propõe metodologicamente é uma adequação da literatura sobre mente e corpo às condições de vida das classes populares brasileiras. Será que a própria maneira em que os cultos são conduzidos – com gritos e músicas barulhentos que contribuem para que o estado emocional seja intenso – não são ritos que refletem as condições de vida dessas populações que freqüentemente vivem num estado de pobreza e incerteza agudo? Embora membros das classes médias freqüentem os cultos pentecostais, o pentecostalismo, como diz Corten, “aparece como uma religião dos pobres”.

Considerações finais

Embora seja importante procurar compreender o fenômeno da religiosidade popular através da proposta de apoio social e através da cultura popular, é necessário um certo cuidado em utilizar exclusivamente essas abordagens. São abordagens que têm como ponto de partida a investigação científica, e não há como negar como isso é importante. Há contribuições importantes de vários pesquisadores, e, em particular, de Machado¹⁹ e de Mariz²⁰ sobre as melhorias econômicas no interior das famílias pentecostais e evangélicas. Trata-se da renúncia da bebida e do fumo, como também a descoberta pela mulher evangélica que ganha em autonomia quando vai à igreja à noite desacompanhada e quando trabalha fora de casa. São certamente insumos importantes para compreender as mudanças que ocorrem nestas famílias a partir da sua adesão a essas igrejas²¹.

Mas há outras questões que ficam pouco claras. Trata-se do que Waldo Cesar²² chama a dimensão do transcendente que permeia o pentecostalismo e outras religiões populares: encantamento e alegria diante de uma vida de muitas dificuldades e sofrimentos, sem grandes perspectivas de realização profissional e familiar da forma que esse ter-

mo é compreendido entre os membros da classe média. Nesse sentido, Cesar afirma que possivelmente o maior milagre que se realiza no interior da proposta da religião popular é a própria sobrevivência diante de tanta miséria e opressão. Essa dimensão espiritual e transcendental contraditoriamente acaba favorecendo uma autonomia que corresponde ao que os teóricos do apoio social chamam de "controle sobre o seu próprio destino".

Mas Cesar insiste que o que está em discussão não é apenas a prática sistemática de solidariedade e ajuda mútua, que explica em parte a sobrevivência de muitos, mas uma postura aparentemente alienante que talvez seja o que Parker²³ chama de resistência e refúgio, um sutil protesto em face de governos cujas decisões políticas não são compreendidas, pois a questão social é, quando muito, um complemento, um apêndice, e não o eixo central das suas propostas.

Como compreender o que Cesar indica como resistência sobre-humana às muitas adversidades resultantes dos governos autoritários e insensíveis? Como compreender o que ele denomina um espetáculo de êxtase produzindo uma manifestação tanto pessoal como coletiva, onde freqüentemente, como no caso do Pastor Jamil de Santa Cruz, os pastores se tornam espectadores?

Será que nós mediadores, professores, pesquisadores, educadores populares não estamos diante do que o José de Souza Martins²⁴ chama de uma crise de interpretação, que é nossa?

Neste sentido, é necessário acreditar que as classes populares sabem o que faz bem para elas, independentemente da nossa compreensão das suas escolhas. Assim, entender o pensamento dos pentecostais não depende de nós estarmos de acordo ou não. Nós, os mediadores, professores e técnicos, mesmo com todas as nossas dificuldades materiais, representamos o espaço da garantia e do privilégio, e os pobres representam o espaço da sobrevivência.

Notas

1. MARTINS, José de S. Dilemas sobre as classes subalternas na idade da razão. In: *Caminhada no chão da noite*. São Paulo: HUCITEC, 1989.
2. NUNES, E. Carências urbanas, reivindicações sociais e valores democráticos. In: *Lua Nova*. Revista de Cultura e Política, 17, 1989.
3. MARTINS, José de S. Dilemas..., *op. cit.*
4. EVERS, T.; Muller-Plantenberg, C.; Spessart, S. Movimentos de bairro e Estado: Lutas na esfera da reprodução na América Latina. In: MOÍSES, José Álvaro (Org.). *Cidade, povo e poder*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
5. SATRIANI *apud* MARTINS, José de S. Dilemas..., *op. cit.*
6. CHAUI, Marilena. *Notas sobre cultura popular. Cultura e democracia*. São Paulo: Cortez, 1990.
7. MARTINS, José de S. Dilemas..., *op. cit.*
8. MARTINS, José de S. Dilemas..., *op. cit.*
9. CHAUI, Marilena. *Notas...*, *op. cit.*

10. CHAÚÍ, Marilena. *Notas ...*, op. cit.
11. McEWEN, B.S. Protective and Damaging Effects of Stress Mediators. In: *The New England Journal of Medicine*, vol. 338, n. 3, Jan. 15, 1998, p. 171-79.
12. VALLA, V.V. e STOTZ, E.N. (Org.). As respostas do movimento popular ao "estado de emergência permanente". In: *Educação, Saúde e Cidadania*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 87-98.
13. MACHADO, M.D.C. *Carismáticos e pentecostais. Adesão religiosa na esfera familiar*. São Paulo: ANPOCS. Editora Autores Associados, 1996.
14. MARIZ, C.L. e MACHADO, M.D.C. Pentecostalismo e a redefinição do feminino. In: LANDIN (Org). *Pentecostes e nova era*. Rio de Janeiro. ISER. 1994.
15. FINKLER, K. *Spiritual healers in México, Successes and failures of alternative therapeutics*. New York: Praeger, 1985.
16. CORTEN, André. *Os pobres e o Espírito Santo. O pentecostalismo no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1999.
17. LÖWY, Michel A. *A guerra dos deuses. Religião e política na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2000.
18. GOLEMAN, D. *Inteligência emocional*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996. GOLEMAN, D. (Org.). *Emoções que curam. Conversas com o Dalai Lama sobre mente alerta, emoções e saúde*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
19. MACHADO, M.D.C. *Carismáticos...*, op. cit.
20. MARIZ, C.L. e MACHADO, M.D.C. *Pentecostalismo*, op. cit.
21. Para mais informações sobre o tema, consultar: BERMANN, Sylvia. *Trabajo precario e salud mental*. Cordoba: Navajo Editor, 1995. COX, Harvey. *Fire from Heaven. The Rise of Pentecostal Spirituality and the Reshaping of Religion in the Twenty-first Century*. New York: Addison-Wesley, 1995. FERNANDES, R.C. *Privado porém público. O terceiro setor na América Latina*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1984. LUZ, Madel T. *A arte de curar versus a ciência das doenças*. São Paulo: Dynamis, 1996. SAIDÓN, Osvaldo. As loucas da Praça de Maio: carência ou intensidade? In: *Tortura Nunca Mais*. Boletim Informativo do Grupo Tortura Nunca Mais. Rio de Janeiro, Ano 3, n. 12, 1991. VALLA, Victor V. Investigação científica, assessoria popular e capacitação técnica. In: SPÍNOL, Aracy Witt de Pinho et alli. *Pesquisa Social em Saúde*. São Paulo: Cortez, 1991. —. *Educação popular, saúde comunitária e apoio social numa conjuntura de globalização*. Rio de Janeiro, 1996. —. A crise da compreensão é nossa: Procurando compreender a fala das classes populares. In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre, vol. 22, n. 2, 1997. —. Apoio social e saúde: buscando compreender a fala das classes populares. In: COSTA, M.V. (Org.) *Educação popular hoje*. São Paulo. Loyola. 1998: 151-180. VASCONCELOS, E.M. Educação popular como instrumento de reorientação das estratégias de controle das doenças infecciosas e parasitárias. In: VALLA, V.V. *Participação popular e controle de endemias*. Cadernos de Saúde Pública. Suplemento 2, volume 14, 1998, p. 39-58.
22. CESAR, W. & SHAULL, R. *Pentecostalismo e futuro das igrejas cristãs. Promessas e desafios*. Petrópolis. São Leopoldo: Vozes. Sinodal, 1999.
23. PARKER, C. *Religião popular e modernização capitalista. Outra lógica na América Latina*. Petrópolis. Vozes, 1996.
24. MARTINS, José de S. *Dilemas...*, op. cit.

Endereço do autor

Rua Silveira Martins, 164, apto. 1103, Catete
22221-000 Rio de Janeiro – RJ
E-mail: valla@ensp.fiocruz.br

Victor Vincent Valla é professor e pesquisador da Escola Nacional de Saúde Pública (Fundação Oswaldo Cruz) e da Universidade Federal Fluminense.